

REVISTA BATISTA PIONEIRA

Bíblia ▪ Teologia ▪ Prática

Volume 15
Número 1
Junho 2026

A PRESENÇA DO FUTURO: A ESPERANÇA DA RESSURREIÇÃO COMO PARADIGMA DE EXISTÊNCIA NA TEOLOGIA PAULINA

The Presence of the Future: the hope of resurrection as a paradigm of existence in Pauline theology

Dr. Leonardo dos Santos Silveira¹

Marcone Luiz Baima Pessoa Júnior²

Me. Ulicélio Valente de Oliveira³

RESUMO

As pesquisas na área de teologia paulina continuam sendo um oceano, mesmo que tenhamos um número cada vez maior de pesquisadores, ainda assim é pouco para o tanto que ainda precisa ser explorado. Sua teologia presente em suas epístolas tem uma relação direta com umas das verdades que são base da fé cristã, isto é, a ressurreição de Jesus. Diante do seu contexto histórico-cultural, a teologia paulina é um campo que nunca fica superado. Mesmo um assunto debatido muito desde o início da história da igreja, a ressurreição ainda é sempre será um assunto importante e relevante. Para tanto, o artigo está dividido em três momentos, além é claro da introdução e das considerações finais. Primeiro, aborda o desenvolvimento da escatologia no judaísmo tardio, depois defende a ressurreição de Jesus como um evento escatológico e por fim fala de Paulo e a ressurreição dos mortos. Em outras palavras, o presente trabalho tem por objetivo apresentar, em breves linhas, o desenvolvimento histórico-intelectual da fé judaica na

¹ Doutor e Mestre em Teologia Bíblica pela PUC-Rio. Bacharel em Teologia pela FAECAD; Bacharel em Letras-Grego pela UFF; Licenciado em História pela UNESA e em Filosofia pela UNINTER. Professor da Faculdade Batista do Rio de Janeiro (FABAT-RJ). Lattes: <<http://lattes.cnpq.br/0189603895335569>>. E-mail: prof.leosansil@gmail.com.

² Graduado em Teologia pela Faculdade Teológica Batista Equatorial (FATEBE). Graduado em Filosofia pela Faculdade Mar Atlântico. Atualmente é aluno do Programa de Mestrado em Teologia na Puritan Reformed Theological Seminary.

³ Graduado e Especialista em Teologia pela Faculdade Teológica Batista Equatorial (FATEBE). Mestre em Teologia pelas Faculdades Batista do Paraná (FABAPAR). Licenciado em História pela Universidade de Santo Amaro (UNISA). Atualmente é aluno do Programa de Doutorado em Teologia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Coordenador Acadêmico na Faculdade Teológica Batista Equatorial. E-mail: uli.celiovalente@hotmail.com, Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5184157147063224> e ORCID ID: <https://orcid.org/0009-0002-0770-2809>.

ressurreição dos mortos, e como tal doutrina foi fundamental para a construção do querigma paulino. Pretende-se, ainda, demonstrar como essa esperança escatológica em uma futura restauração do ser humano, em conexão com a concepção paulina do Cristo pneumático, serve de paradigma para a igreja e para o indivíduo em sua realidade existencial presente. Esse artigo apresenta uma análise muito importante para os estudantes e pesquisadores de teologia paulina, como uma abordagem bibliográfica, a pesquisa sobre esse assunto contribui muito para a eclesiologia da igreja brasileira.

Palavras-chave: Jesus. Ressurreição. Paulo. Escatologia. Judaísmo.

ABSTRACT

Research in the field of Pauline theology remains vast, even with a growing number of researchers; it is still insufficient to fully explore what remains. His theology, as presented in his epistles, is directly related to one of the fundamental truths of the Christian faith: the resurrection of Jesus. Given its historical and cultural context, Pauline theology is a field that never becomes outdated. Even though it has been a much-debated subject since the beginning of church history, the resurrection remains and always will be an important and relevant topic. Therefore, this article is divided into three parts, in addition to the introduction and concluding remarks. First, it addresses the development of eschatology in late Judaism; then, it defends the resurrection of Jesus as an eschatological event; and finally, it discusses Paul and the resurrection of the dead. In other words, this work aims to present, in brief, the historical and intellectual development of the Jewish faith in the resurrection of the dead, and how this doctrine was fundamental to the construction of the Pauline kerygma. This article also aims to demonstrate how this eschatological hope in a future restoration of humankind, in connection with Paul's conception of the pneumatic Christ, serves as a paradigm for the church and for the individual in their present existential reality. This article presents a very important analysis for students and researchers of Pauline theology; as a bibliographical approach, research on this subject contributes greatly to the ecclesiology of the Brazilian church.

Keywords: Jesus. Resurrection. Paul. Eschatology. Judaism.

INTRODUÇÃO

A teologia paulina é fascinante, sua vida inspira o mundo até hoje e seus escritos fazem parte do que se denomina “o grupo de cartas do NT mais estudado e comentado”⁴ de toda a história da igreja e entender que “[...]as Cartas Paulinas constituem um conjunto importante em toda a literatura do NT, que nos revelam aspectos importantes da Igreja Primitiva[...]”⁵, por isso, a teologia paulina é uma fonte inesgotável para entender o mundo do primeiro século e como sua teologia impactou a igreja.

Um dos assuntos mais evidentes e anunciado pelo apóstolo Paulo, podendo até afirmar que é o seu *querigma* é a ressurreição de Cristo. A realidade da ressurreição foi a pedra sobre a qual foi erigido o monumento do cristianismo, Paulo, no Livro de Atos foi preso por pregar sobre a ressurreição e ao ser questionado defendeu de forma irredutível a ressurreição de Jesus (At 21-26). “A pessoa de Jesus é o centro do anúncio querigmático”.⁶ A fé da comunidade cristã primitiva não existiria sem a proclamação de que

⁴ GONZAGA, Waldecir. *O Corpus paulinum no Cânon do Novo Testamento*. Atualidade Teológica. Rio de Janeiro, v. 21, n. 55, p. 19-41, Jan./abr. 2017. Disponível em: <chrome-extension://efaidnbmnnnibpcajpcglclefindmkaj/https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/29100/29100.PDF>. Acesso em: 24 de abril de 2025.

⁵ GONZAGA, Waldecir. *O Cânon Bíblico do Novo Testamento*. Rio de Janeiro: Letra Capital, 2025, p. 43.

⁶ TAMANCOLDI, Bruno. *O querigma nas cartas de Paulo*. São Paulo: Paulus, 2023, p. 102 (Coleção Catequese e Bíblia).

“Deus ressuscitou a Jesus dentre os mortos” (At 2.24; 3.15; 1Co 6.14; 15.15).

Entre a morte do Messias e a primeira proclamação dos discípulos se evidencia um abismo complexo demais para ser reduzido a mera impressão subjetiva, uma mera teoria criada para proteger um homem. Eles, de fato, creram na realidade da ressurreição, e, desde cedo a comunidade primitiva orbitou a sua própria vida religiosa em torno da ressurreição de Jesus, como podemos depreender de 1 Coríntios 15.3a-5, que é, muito provavelmente, o testemunho mais antigo de que dispomos da fé primitiva na ressurreição de Jesus. Mas como tal fato se deu?

Tal como uma flor, desabrochada em sua beleza própria, não existe sem um caule que das profundas raízes extrai seus nutrientes, assim compreendemos que a fé dos primeiros discípulos não se estabeleceu no vácuo, mas, antes, extraiu a sua seiva da compreensão veterotestamentária e apocalíptica de uma ressurreição final. Mas foi, sobretudo, em Paulo que a fé na ressurreição e sua relação com a ressurreição do próprio Jesus recebeu seu aparato teórico mais robusto dentre os escritos do Novo Testamento.

O presente trabalho busca estabelecer as ligaduras intelectuais entre a fé veterotestamentária e a compreensão do Cristo pneumático como paradigma da ressurreição dos crentes em Paulo. Permitindo, assim, perceber as subestruturas intelectuais formativas do próprio Paulo e como tal compreensão da fé e do ser humano pode dar valor e fundamento à existência presente. Iniciaremos com uma análise diacrônica do desenvolvimento da esperança escatológica na fé veterotestamentária, chegando às especulações apocalípticas do judaísmo tardio e no querigma apostólico primitivo e, por fim, analisaremos como Paulo rearranjou tal esperança tradicional judaica e lhe deu renovado vigor a partir do evento-Cristo como fundamento para a nova existência dos fiéis.

1. O DESENVOLVIMENTO DA ESCATOLOGIA NO JUDAÍSMO TARDIO

A esperança na religião veterotestamentária possui multivozes, sendo, portanto, de difícil conceituação, a não ser partindo de suas diferentes expressões e desenvolvimentos históricos no ambiente da fé de Israel. Entretanto, em meio à diversidade de suas expressões, a confiança em uma ação salvífica futura sempre caracterizou o *modus vivendi* dos israelitas, ao ponto que se pode considerar que “[...] o testemunho da história de Israel com seu Deus não pode ser lido senão como uma expectativa de salvação que se intensifica extraordinariamente”.⁷ Encontramos, por exemplo, vestígios de uma escatologia dos dois *éons* já no Dêutero-Isaías, caracterizando, posteriormente, o querigma profético. Esse modo de pensar o futuro popularizou a compreensão de que o Deus que agiu no passado, há de se fazer presente em salvação e juízo em um futuro, distante ou próximo, no âmbito da história do povo (Gn 49.1; Is 2.2; Os 2.21, et. al.). Observamos que a profecia da ressurreição, ainda que estivesse obscura no Antigo Testamento, já se mostrava como sendo o ápice da obra de Cristo. Como bem frisou Rogério Zanini, “ressurreição dos mortos é uma crença escatológica padrão nas religiões abraâmicas”.⁸

Podemos, inclusive, observar períodos mais ou menos delimitados na história do pensamento de Israel, nos quais a esperança da intervenção de seu Deus na história do povo ganha cores diversas. Assim, em um primeiro momento a expectativa escatológica possui uma tonalidade mais político-nacionalista.⁹ Esse período se encontra antes do surgimento do profetismo dos séculos VIII e VII, cuja visão maior era fomentada pela compreensão que o povo de Israel tinha de si mesmo e de seu relacionamento com Deus. Da mesma que o “braço de Javé” havia se estendido sobre o povo para libertação no passado, assim o futuro aguarda uma nova atuação e demonstração do poder de Deus. Esperava-se um “dia de Javé”, no qual os israelitas triunfariam sobre seus inimigos e desfrutariam de uma glória plena.

Após esse período pré-escatológico, temos uma escatologia que está “despertando”. Seu representante

⁷ SCHREINER, Josef, Org. **O Antigo Testamento**: um olhar atento para sua palavra e mensagem. São Paulo: Hagnos, 2013, p. 388.

⁸ ZANINI, Rogério. A ressurreição cristã: Relevância para a práxis cristã. **Cultura Teológica**, 31(104), 2023, p. 99–121. <https://doi.org/10.23925/rct.i104.57521>.

⁹ EICHRODT, Walter. **Teologia do Antigo Testamento**. São Paulo: Hagnos, 2005, p. 441.

principal é o profeta Isaías. Pondo de lado a expectativa ingênua das primeiras épocas, é agora enfatizada a santidade e majestade divina mesmo em contraposição ao povo que se mostra desobediente. Deus não só concede bençãos, mas também julga aqueles que lhe desobedecem a palavra, pois Ele, escondido no mistério de sua santidade imaculada, não tem comunhão com o pecado e a iniquidade (cf. Is 6). Assim, o juízo tem de irromper também sobre Israel, não valendo somente para os povos ímpios. Mas não se pode parar no juízo, nem na proclamação da destruição vindoura. Anuncia-se um *novo começo* após a catástrofe, o que pode ser percebido na lógica interna do livro de Amós, pois o anúncio de salvação escatológica no fim de seu livro (9.11-15) vem logo após os enunciados de juízo. Deus, que irá irromper em juízo sobre o povo, preservará um *resto* ou *remanescente* escolhido para servir de recomeço para seu povo.

Em Isaías o quadro é mais abrangente, pois inclui na restauração do povo também uma restauração cósmica que sucederá um julgamento universal. Essa salvação aguardada é caracterizada por uma paz que faz ecoar o ambiente edílico dos tempos primitivos e que abrange também o reino animal, em conexão com a restauração da monarquia davídica (Is 7-12). Israel, assim, como “centro da atividade salvífica e escatológica divina” serve para o mundo como um canal de salvação para o mundo, e para a realização e estabelecimento do reino vindouro de Deus, dando início aos *últimos dias* (Is 2.2ss).

O exílio marcou uma enorme mudança no pensamento escatológico veterotestamentário, dando início ao período da escatologia atualizante ou próxima. Tem-se em vista aqui a irrupção de um novo tempo, de uma nova realidade de existência criada por Deus após o juízo (cf. Ez 37.1-14; Is 43.16-21; 41.18ss).¹⁰ Ao fim do exílio as grandes expectativas do Dêutero-Isaías de uma recriação e renovação cósmica próxima de se concretizar foram aos poucos arrefecendo, resultando nos que retornaram uma decepção frente à nova realidade das coisas, como se pode perceber nos escritos dos profetas Ageu, Zacarias e Malaquias. A atuação dos profetas incutiu nova semente de esperança no seio do povo retornado do exílio ao enfatizar um futuro de abalos cósmicos, mas que já podem ser percebidos na realidade histórica, o que chamamos de escatologia histórica, que via em indivíduos contemporâneos a eles os objetos das novas esperanças suscitadas no povo.¹¹

Um grupo, porém, se achava inquieto pela atitude historicista surgida nos âmbitos sacerdotais. Pensavam que a realização escatológica não deveria ser contida na história presente, mas que sua efetivação só se daria em um mundo futuro. Entre esses escritos temos alguns textos mais recentes, mas também algumas interpolações em textos mais antigos, como, por exemplo, Isaías 24-27, conforme Schweitzer e Schreiner, que datam essa porção do livro em por volta do ano 300 a.C., já no período dos diádocos.¹² Esses materiais de cunho escatológico podem ser chamados de “apocalípticos”, embora haja um grande debate em torno de sua real conceituação literária.¹³ O “gênero” apocalíptico pode ser melhor compreendido como uma visão de mundo particular, cujas características podem ser descritas como uma visão pessimista da realidade presente; uma esperança em uma final atuação de Deus cósmica; um dualismo cosmológico; e, uma esperança em um mundo futuro restaurado ou recriado.¹⁴

Esse movimento pode ser datado começando a partir das invasões alexandrinas do século IV a.C. Fazendo oposição às influências estrangeiras e tirânicas dos governadores helenistas, esses eruditos escreviam para o povo sob o nome de grandes sábios do passado, por exemplo, Enoque, Salomão, Daniel, o

¹⁰ SCHREINER, 2013, p. 396-7; EICHRODT, 2003, p. 343.

¹¹ Em Zacarias 4.14, o sumo sacerdote Josué e o governador Zorobabel são compreendidos pelos profetas como oliveiras, isto é, ungidos. A ação salvífica é, ainda, precedida pela chamada à reconstrução do templo, como pressuposto fático para a atuação cósmica de Deus (cf. Ag 1.2-11). Já na obra *historiográfica do Cronista* temos uma mudança paradigmática no pensamento escatológico, já que o cronista compreende, a partir das atuações de Esdras e Neemias, que a comunidade judaica realiza em si todo o propósito escatológico divino, não havendo necessidade de nenhuma outra atuação futura, mas via na restauração da comunidade judaica a imanentização das esperanças do Dêutero-Isaías (cf. Ed 6.17; SCHREINER, 2013, p. 398-399).

¹² SCHWEITZER, Albert. *O Misticismo de Paulo o Apóstolo*. São Paulo: Fonte Editorial, 2006, p. 115; SCHREINER, 2013, p. 199

¹³ COLLINS, John J. *A Imaginação Apocalíptica: uma introdução à literatura apocalíptica judaica*. São Paulo, Paulus, 2010, p. 19-25; SCOTT JR., J. Julius. *Origens Judaicas do Novo Testamento: um estudo do judaísmo intertestamentário*. São Paulo: Shedd, 2017, p. 194-197.

¹⁴ COLLINS, 2010, p. 33; SCOTT JR., 2017, p. 197

que chamamos de pseudepigrafia. Livros como 1 Enoque (Apocalipse de Enoque); 2 Enoque (Apocalipse Eslavônico); Oráculos sibilinos; 4 Esdras; 2 Baruque (Apocalipse Siríaco); Livro de Daniel, estão entre os mais conhecidos.¹⁵

Toda a expressão de fé apocalíptica é escatológica, pois tem em vista uma libertação das situações presentes, projetando para o futuro a resiliente esperança no Deus que salvará o justo e punirá os ímpios. O texto que influenciou a vida e a teologia de Lutero foi justamente o texto de Romanos 1.16-17 em que diz que “o justo viverá pela fé”¹⁶, ou seja, o salvo vive pela fé e por isso ele é justo. Podemos afirmar, com Schweitzer, que a escatologia apocalíptica esteve presente em Paulo desde o início de sua caminhada e marcou sua teologia até o fim de sua vida¹⁷. De maneira particular, a compreensão de que no fim os mortos serão ressuscitados por Deus deu a Paulo uma confiança existencial, para que, mesmo sob intensa angústia e aflitiva dor, pudesse ele repousar em uma serena confiança em “[...] Deus, que ressuscita os mortos” (2Co 1.9).¹⁸ Antes, entretanto, de analisarmos o pensamento paulino acerca da ressurreição, torna-se necessária uma breve palavra sobre a compreensão que o querigma apostólico tinha da ressurreição de Jesus.

2. A RESSURREIÇÃO DE JESUS COMO EVENTO ESCATOLÓGICO

Como analisado, o judaísmo tardio compreendia o evento da ressurreição como uma realidade futura e escatológica. Tal fato é, ainda, confirmado pelo testemunho de que dispomos em 2 Macabeus 14.46, no qual temos o relato do ancião Razias, nos dias da perseguição selêucida

Já completamente exangue, arrancou as entranhas e, tomando-as com as duas mãos, arremessou-as contra a multidão. Invocando, ao mesmo tempo, Aquele que é o Senhor da vida e do espírito, para que lhos restituísse um dia, desse modo passou para a outra vida.¹⁹

Embora esse testemunho descreva uma esperança futura em uma restauração corporal, ele não descreve a ressurreição de Jesus como compreendida pelos primeiros discípulos.²⁰ Para eles, a ressurreição de Jesus não foi a restauração de um cadáver, mas a irrupção de algo totalmente novo. Nas palavras de George Ladd: “[...] o surgimento de uma nova ordem de vida”.²¹ A ressurreição de Jesus era entendida como um poderoso ato de Deus que marcava o começo da Era vindoura, outra coisa é que “com o processo escatológico iniciado na Ressurreição, as visões que os discípulos tiveram do Ressuscitado dão conta que aquele propósito salvífico de Deus para a sua criação foi iniciado e também antecipadamente percebido”.²²

Em Atos 4.2 nos é relatada a indignação dos sacerdotes, saduceus e do oficial do Templo frente à pregação dos discípulos da seguinte forma: “contrariados por vê-los ensinar ao povo e anunciar, em Jesus, a ressurreição dos mortos” Temos aqui um testemunho valioso para compreendermos a natureza do querigma apostólico. Eles, conforme a tradição lucana, anunciaram a ressurreição dos mortos que, em Jesus, irrompeu na história. Isso nos diz que os primeiros discípulos entendiam a ressurreição de Jesus não como um evento isolado, mas como algo que deu início e, de certa forma, conteve em si, a própria realidade escatológica da

¹⁵ SCOTT JR, 2017, p. 194.

¹⁶ LÓPEZ BARRIO, M., “Il giusto vivrà mediante la fede”. L’AT nella lettera ai Romani (2017); FELBER, S., Habakuku “Meisterspruch”: Hab 2,4 in Exegese, Theologie und Übersetzung, p. 21-34; HUNN, D., Habakkuk 2.4b in its Context: How far off was Paul?, p. 219-239. GONZAGA, W.; CARDOSO JÚNIOR, J. V. L., “O justo pela fé viverá”: uma análise de Rm 1,17 à luz de Hab 2,4, p. 29-67; GONZAGA, W.; SILVA FILHO, J. R., O justo viverá pela fé não pela lei: Gl 2,16; 3,11 e sua base veterotestamentária (Hab 2,4 e Sl 143,2), p. 119-144; GONZAGA, W.; SILVA FILHO, J. R., “O meu justo pela fé viverá”: Hb 10,36-39 e o uso de Hab 2,4 e Is 26,20, p. 171-200.

¹⁷ SCHWEITZER, 2006, p. 125.

¹⁸ Todas as posteriores referências bíblicas seguem a **Bíblia de Jerusalém**. GORGULHO, Gilberto; STORNILO, Ivo; ANDERSON, Ana Flora (Coords.). São Paulo: Paulus, 2002.

¹⁹ LÍRIO Católico. Disponível em: https://www.liriocatolico.com.br/biblia_online/biblia_jerusalem/ii-macabeus/14/46/. Acesso em: 13 de abr. de 2026.

²⁰ Dunn afirma que a realidade da ressurreição era “a rocha sobre a qual fora fundada a fé comum dos primeiros cristãos. A ressurreição de Cristo por Deus foi onde e como tudo começou” (DUNN, 2003, p. 284).

²¹ LADD, George Eldon. **Teologia do Novo Testamento**. São Paulo: Hagnos, 2003, p. 462.

²² CUNHA, Gladson Pereira da. **O sentido da Ressurreição de Jesus na escatologia de Jürgen Moltmann**. *Protestantismo Em Revista*, 43(1), 2025, p. 216–232. Recuperado de <https://revistas.est.edu.br/PR/article/view/4051>.

ressurreição dos mortos.²³

Joachim Jeremias assim afirma: “Com certeza conhecem-se ressuscitações de mortos, mas sempre se trata aí de reivindicações, retorno à vida terrena. Em nenhuma passagem encontra-se na literatura judaica tardia uma ressuscitação para o estado de doxa [...]”.²⁴ Isso pode ainda ser confirmado por um relato específico da paixão conforme a tradição de Mateus em 27.51b-53, que nos narra que entre os prodígios da morte de Jesus ocorreram abertura de túmulos e a ressurreição de muitos corpos de santos já mortos, ecos da pregação profética que anunciava tais acontecimentos para o fim dos tempos. Aqui temos a ideia de que a ressurreição de Jesus esteve ligada, desde muito cedo, ao Dia do Senhor da tradição profética, e de que Jesus, de certa forma, em sua própria experiência de ser ressuscitado por Deus, foi o início de uma ressurreição geral e final. Os discípulos, portanto, conforme analisado, compreendiam a si mesmos como testemunhas da irrupção do novo èon, e viam a ressurreição de Jesus como o primeiro fruto de uma final colheita, o que nos leva para nosso último ponto.

3. PAULO E A RESSURREIÇÃO DOS MORTOS

Para Paulo, a ressurreição de Jesus jamais foi uma realidade secundária da fé cristã, mas antes, a alavanca de Arquimedes, por meio da qual toda a sua teologia era movida. A sua vida testemunhava que toda as suas forças eram concentradas em anunciar o Jesus ressurreto. Antes de ser converter o seu ímpeto era para atacar os cristãos e perseguir a Jesus, mas, a sua conversão registrada no livro de Atos marca o início de uma nova era e de acordo com Peruzo: “Para Lucas, autor do livro dos Atos, não se tratou apenas de um acontecimento ligado a alguma forma de evolução psicológica ou religiosa do interessado, mas de uma intervenção direta e envolvente do Cristo Ressuscitado”.²⁵

Os sentimentos de temor, a luz brilhante, a purificação psicológica, a sua renovação, a sua conversão, são todos sinais de uma experiência mística genuína; e são exatamente esses os elementos que reaparecem em todas as narrativas sobre o evento da conversão de Saulo.²⁶

Mesmo no final de sua vida, sabendo exatamente que iria morrer e que o seu tempo havia acabado, Paulo não deixou de confiar no Jesus que ressuscitou dentre os mortos e “enquanto Paulo pensava na ressurreição, um riso de triunfo dançou-lhe nos olhos e brincou-lhe nos cantos da boca. Sua face estava radiante, brilhando com a luz de um outro mundo”²⁷, ou seja, Paulo sabia exatamente qual era o seu destino e suas últimas palavras confirmam isso.

Quanto a mim, já fui oferecido em libação, e chegou o tempo de minha partida. Combati o bom combate, terminei a minha carreira, guardei a fé. Desde já me está reservada a coroa da justiça, que me dará o Senhor, justo Juiz, naquele dia; e não somente a mim, mas a todos que tiverem esperado com amor sua aparição (2Tm 4.6-8).²⁸

Dessa forma, a ressurreição era a mensagem central da teologia paulina, nas palavras de Udo Schnelle: “A ressurreição de Jesus Cristo dentre os mortos é o conteúdo central da criação paulina de sentido”²⁹ portanto, “O avivamento da fé pode dar-se com um retorno ao querigma ao reafirmar que Cristo morreu e ressuscitou. Duvidar desta realidade é ter crido em vão”.³⁰ Mas o que significava para Paulo o evento da ressurreição de Jesus? E como a Igreja estaria incluída em tal evento?

²³ LADD, 2003, p. 462-3; JEREMIAS, Joachim. **Teologia do Novo Testamento**. São Paulo: Hagnos, 2008, p. 438-441.

²⁴ JEREMIAS, 2008, p. 438.

²⁵ PERUZO, Dom José Antônio. Paulo diante do cristianismo nascente. **Atualidade Teológica**, PUC-Rio. Ano XIII nº 31, janeiro a abril/2009, p. 93-94. Disponível em: www.maxwell.vrac.puc-rio.br/18338/18338.PDFXXvmi. Acesso em: 13 de abril de 2026.

²⁶ CHAMPLIN, Russell Norman. **O Novo Testamento interpretado: Versículo por versículo**. Vol. III. Atos/Romanos. São Paulo: Candeia, 1998, p. 187.

²⁷ BALL, Charles Ferguson. **A vida e os tempos do apóstolo Paulo: A Reconstituição da mais Famosa História Missionária da Igreja Cristã**. Rio de Janeiro: CPAD, 2021, p. 191.

²⁸ **BÍBLIA de Jerusalém**. Nova edição, revista e ampliada. São Paulo: Paulus, 2004.

²⁹ SCHNELLE, Udo. **Teologia do Novo Testamento**. Santo André: Academia Cristã; São Paulo: Paulus, 2017, p. 287.

³⁰ GOMES, Rita Maria. **Cristo crucificado e a ressurreição na Primeira Carta aos Coríntios**. *Semana Teológica Da Unicap*, 28, 2024, p. 10-16. <https://www1.unicap.br/ojs/index.php/semanateologica/article/view/2885>.

Temos evidência de que Paulo segue a tradição do querigma hierosolimitano em afirmar que a ressurreição de Jesus fora um evento escatológico. Ele, na *παρέλαβον*³¹ de 1 Coríntios 15.3-4, insere a ressurreição no tempo e no espaço. Todo o capítulo é uma apologia da realidade da ressurreição corporal dos crentes fundamentada na realidade da ressurreição de Jesus.

Transmiti-vos, em primeiro lugar, aquilo que eu mesmo recebi: Cristo morreu por nossos pecados, segundo as Escrituras. 4 foi sepultado, ressuscitou ao terceiro dia, segundo as Escrituras.

Tanto a noção do ser sepultado, como ter sido visto por mais de quinhentas pessoas, entre os quais ele se incluía, apoia a facticidade do seu argumento de que a ressurreição de Cristo, fundamento da ressurreição dos crentes, ocorreu como evento no seio da história e nesse sentido, “a ressurreição é em definitivo a poderosa força sem a qual Jesus teria caído no esquecimento, como outros líderes na história”.³² Entretanto, ele ainda reserva, tal como sua tradição judaico-farisaica afirmara, uma ressurreição final (1Ts 4.16; cf. Dn 12.1-3).

Em nota adicional a estas duas afirmações, Paulo vê a Jesus e sua ressurreição não somente como paradigma e exemplo, motivo de esperança e alegria interior, mas como realidade escatológica e identitária, ao compará-lo com Adão, o primeiro homem, que conteve em si, segundo a tradição judaica³³, toda a sua descendência.³⁴ Cristo, como o segundo homem, traria em si uma nova descendência, uma nova humanidade.³⁵ Desse modo, “a referência a Jesus como messias sublinha que sua missão especial é realizar a redenção escatológica. Jesus é o redentor escatológico”.³⁶

Por conseguinte, ao anunciar a ressurreição de Jesus em comparação com a criação do primeiro homem, alma vivente, Paulo parece ter a intenção de inserir a ressurreição e a entronização do Cristo-Senhor no âmbito de uma nova criação regida não mais pela mortalidade, mas pela vida do ressuscitado.³⁷ Os indivíduos que constituem a comunidade do Cristo ressuscitado são inseridos nessa nova realidade? Paulo responde a partir de dois conceitos complexos: o *ψυχικόν* e o *πνευματικόν*.

Para além das dificuldades exegéticas presentes na utilização desses termos em 1 Coríntios 15.44-46, podemos ter relativa certeza sobre o que Paulo desejava transmitir aos crentes de coríntios que estavam desacreditados de uma ressurreição corporal futura, promovendo entre si uma espécie de escatologia realizada, na qual o indivíduo que crê já participa de maneira plena e final das realidades futuras.

Paulo afirma que o primeiro homem, Adão, fora homem psíquico, isto é, animado por uma psiché natural e mortal; Cristo, o segundo homem, entretanto, por sua ressurreição, foi feito homem pneumático, isto é, “determinado pelo poder celestial divino”.³⁸ O Cristo pneumático, que em determinadas passagens parece ser identificado com o próprio Espírito (cf. 2Co 13.17), é Jesus não mais determinado pelas fraquezas do tempo presente, tais como o pecado, a Lei e a própria morte (cf. Rm 6.6-7)³⁹, mas é o Cristo que já

³¹ “Os verbos *paradidonai* / *paralambanein* “transmitir” / “receber”, que correspondem àquela hebraica *masar* / *qibbel*, remetem à comunicação tradicional.” (COSTA, Dom Paulo Cezar. **Deus o Ressuscitou dos Mortos**. Atualidades Teológicas, PUCRio, v. 20, n. 54, p. 730-754, set./dez.2016. Disponível em: [https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/27826/27826.PDFXXvmi=](https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/27826/27826.PDFXXvmi=.). Acessado em: 18/10/2019).

³² ZANINI, 2023, p. 99-121.

³³ DUNN, James D. G. **A Teologia do Apóstolo Paulo**. São Paulo: Paulus, 2003, p. 119-126.

³⁴ “Quando Paulo fala de Adão ou alude a ele, fala da humanidade como um todo” (DUNN, 2003, p. 117).

³⁵ “Assim como Adão trouxe a morte sobre a humanidade adâmica, assim Cristo trouxe a vida para a nova humanidade; nele ela já está presente, embora se realize nos crentes somente no futuro. Ela já está aqui, pois o ressuscitamento de Cristo não é concebido apenas como o primeiro caso de ressurreição de mortos em geral, e sim como a origem da vida da ressurreição de todos os crentes que nasce necessariamente dela e que, portanto, já pode ser considerada como presente em sua origem” (BULTMANN, Rudolf. **Teologia do Novo Testamento**. Santo André (SP): Academia Cristã, 2008, p. 422). Udo Schnelle (2017, p. 443) possui uma ideia semelhante ao falar dos “[...] dois portadores humanos de destino que determinam como protótipos a existência dos seres humanos a eles atribuídos (1Co 15.21)”.

³⁶ GOMES, 2024, p. 10-16.

³⁷ RIDDERBOS, Herman. **A Teologia de Apóstolo Paulo**. São Paulo: Cultura Cristã, 2013, p. 601.

³⁸ RIDDERBOS, 2013, p. 601.

³⁹ *Kata sarx* no contexto de Romanos 1.3, parece designar não somente uma descendência física, mas uma determinação característica do dualismo escatológico dos dois *éons*. Jesus, que, enquanto submetido ao presente *éon*, nasceu da descendência de Davi, sujeito que estava às estruturas presentes; o Cristo, que, segundo o Espírito de santidade, ou, simplesmente, Espírito Santo, é determinado pelo *éon* futuro, cujo

vive a nova realidade do Espírito, na qual foi inserido por Deus em sua ressurreição. Por conseguinte, à semelhança do primeiro homem que continha em si toda uma humanidade, o Cristo pneumático também carrega em si uma nova humanidade, que por sua morte e ressurreição foi transladada do presente *éon* para o futuro, a era do Espírito. Importante mencionar que “Paulo acentua o título Χριστός em 1 Coríntios porque dentro da comunidade havia membros demasiadamente apegados ao Cristo glorioso da Parusia (Kyrios), não querendo ouvir falar da morte do Messias Crucificado, considerado uma loucura”.⁴⁰

Se Paulo parasse nesse ponto de argumentação daria ensejo para a escatologia realizada dos coríntios, mas ele prossegue afirmando a tensão escatológica presente também na relação dos crentes com o Cristo pneumático, visto que, por sua ressurreição, Ele se tornou primícias dos que dormem (1Co 15.20). O termo utilizado é ἀπαρχή, que derivado do ambiente da agricultura, designava a primeira parte do que era aguardado, a colheita final que já indicava e, de certa forma, antecipava, a derradeira colheita. Na sua ressurreição, o Cristo pneumático torna-se não só um sinal, mas já antecipa a ressurreição final de todos os crentes. Na sua união com Cristo, eles se tornam participantes de sua ressurreição e tomam parte na tensão escatológica do presente que é determinado pelo futuro, e do futuro que é já experienciado no presente.⁴¹

A igreja, portanto, que vive da fé no ressuscitado, antecipa e “dramatiza” em sua comunidade o eschaton de Deus. Toda a vida da comunidade é um “sinal escatológico”, apontando prospectivamente para a atuação final de Deus na história, ao passo que aproxima o passado, vivenciando-o presente. Uma existência determinada pelo futuro, que tem sua fundamentação própria no passado é a proposta de Paulo para a sua comunidade em Corinto. A fé em Cristo, para Paulo, é a fé que atualiza o passado e antecipa o futuro. Dinamiza o presente, na esperança de uma final transformação. A esperança cristã Já realiza no mundo aquilo que, no fim, será realizado por Deus. As obras de caridade; a preocupação com as questões ambientais e o cuidado com este mundo; as liturgias da ceia e do batismo; o amor entre os fiéis; a unidade de fé, todos esses elementos constituintes da fé cristã sinalizam uma final transformação do cosmos que já foi realizada, de maneira antecipada, como “primeira prestação”, na morte e ressurreição de Jesus, Cristo e Senhor.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nossa análise do desenvolvimento da doutrina da ressurreição dos mortos, desde a esperança veterotestamentária, passando pela ebulição do período intertestamentário, chegando à pregação apostólica primitiva e colimando na expressão paulina, deu-nos suficientes subsídios para a afirmação de que a ressurreição dos mortos concede valor à existência humana, sendo a sua negação uma negação da própria vida. O propósito da ressurreição, conforme nos foi dado a conhecer, não é a restauração de um cadáver, mas a introdução na história de um novo modo existência, cujos poderes escravizantes não subjugam mais o ser humano, e a vida pneumática do Cristo celestial se torna o âmbito final da existência humana, concedendo aos sofrimentos característicos da presente existência uma apropriação da própria vida que já se está diluindo em outra: a vida do Reino. Além disso, o novo ser da igreja é, para Paulo, conforme pudemos analisar, o ser-em-Cristo, participando de sua ressurreição e ressignificando na vida da comunidade eclesial a própria existência da ressurreição. Por fim, o mundo, incluído que está no Cristo cósmico, também aguarda sua própria restauração final, sendo de interesse dos cristãos a sua presente renovação parcial. Percebemos, assim, que a concepção de uma ressurreição corporal implica o passado, mobiliza o presente e presentifica o futuro, sendo de fundamental importância para a fé cristã, não possuindo ela uma outra substituta. Ressurreição é esperança, mas esperança realizada e realizando-se, tensionada na existência da Igreja, sinal do *eschaton*. Portanto devemos como igreja anunciar a ressurreição de Jesus, sua obra na cruz nos deu uma

poder irrompeu e triunfou sobre a morte em sua ressurreição dentre os mortos (cf. LADD, 2003, 68-71; 577-8; RIDDERBOS, 2013, p. 65-8)

⁴⁰ GOMES, 2024, p. 10-16.

⁴¹ “Com a ressurreição de Jesus Cristo dentre os mortos, um acontecimento do passado determina definitivamente o futuro e marca, por isso, o presente” (SCHNELLE, 2017, p. 442).

nova vida e “se quisermos ser preservadores da doutrina devemos divulgá-la como ela realmente é. Se quisermos ser verdadeiros pregadores também devemos viver a Palavra pregada”.⁴² Gostaríamos de encerrar esse breve artigo com as palavras sobre a ressurreição de Hernandes Dias Lopes que diz: “A ressurreição de Jesus é a pedra fundamental da fé cristã. O túmulo vazio de Jesus é o berço da igreja. As melhores notícias do mundo vieram da vitória de Cristo sobre a morte. Ele entrou nas entranhas da morte, arrancou o aguilhão da morte, matou a morte e ressurgiu inaugurando a imortalidade”.⁴³

REFERÊNCIAS

BALL, Charles Ferguson. **A vida e os tempos do apóstolo Paulo**: a reconstituição da mais famosa história missionária da Igreja Cristã. Rio de Janeiro: CPAD, 2021.

BÍBLIA de Jerusalém. GORGULHO, Gilberto; STORNILO, Ivo; ANDERSON, Ana Flora (Coords.). São Paulo: Paulus, 2002.

BÍBLIA de Jerusalém. Nova edição, revista e ampliada. São Paulo: Paulus, 2004.

BULTMANN, Rudolf. **Teologia do Novo Testamento**. Santo André: Academia Cristã, 2008.

CHAMPLIN, Russell Norman. **O Novo Testamento interpretado**: versículo por versículo. Vol. III. Atos/Romanos. São Paulo: Candeia, 1998.

COLLINS, John J. **A Imaginação Apocalíptica**: uma introdução à literatura apocalíptica judaica. São Paulo, Paulus, 2010.

COSTA, Dom Paulo Cezar. **Deus o Ressuscitou dos Mortos**. Atualidades Teológicas, PUCRio, v. 20, n. 54, p. 730-754, set./dez.2016. Disponível em: <https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/27826/27826.PDFXXvmi=>. Acesso em: 18/10/2019.

CUNHA, Gladson Pereira da. **O sentido da Ressurreição de Jesus na escatologia de Jürgen Moltmann**. *Protestantismo Em Revista*, 43(1), 2025, p. 216–232. Recuperado de <https://revistas.est.edu.br/PR/article/view/4051>.

DUNN, James D. G. **A Teologia do Apóstolo Paulo**. São Paulo: Paulus, 2003.

EICHRODT, Walter. **Teologia do Antigo Testamento**. São Paulo: Hagnos, 2005.

GOMES, Rita Maria. **Cristo crucificado e a ressurreição na Primeira Carta aos Coríntios**. *Semana Teológica Da Unicap*, 28, 2024, p. 10-16. <https://www1.unicap.br/ojs/index.php/semanateologica/article/view/2885>.

GONZAGA, Waldecir; CARDOSO JÚNIOR, José Vanol Lourenço. “O justo pela fé viverá”: uma análise de Rm 1,17 à luz de Hab 2,4. In: GONZAGA, Waldecir... [et al.]. **Fé, justificação e ressurreição nas Epístolas do Novo Testamento**. Porto Alegre: Editora Fundação Fênix, 2023, p. 29-67. Doi: <https://doi.org/10.36592/9786554600828-01>.

GONZAGA, Waldecir; SILVA FILHO, José Rodrigues da. “O meu justo pela fé viverá”: Hb 10,36-39 e o uso de Hab 2,4 e Is 26,20. In: GONZAGA, Waldecir... [et al.]. **Liberdade, humanidade e graça nas Epístolas do Novo Testamento**. Porto Alegre: Editora Fundação Fênix, 2023, p. 171-200. Doi: <https://doi.org/10.36592/9786554600804-07>.

GONZAGA, Waldecir; SILVA FILHO, José Rodrigues da. O justo viverá pela fé não pela lei: Gl 2,16; 3,11 e sua base veterotestamentária (Hab 2,4 e Sl 143,2). In: GONZAGA, Waldecir... [et al.]. **Fé, justificação e ressurreição nas Epístolas do Novo Testamento**. Porto Alegre: Editora Fundação Fênix, 2023, p. 119-144. Doi: <https://doi.org/10.36592/9786554600828-04>.

⁴² WILLIAN, Mário. **O pastor e a pregação**: uma perspectiva paulina em 2 Timóteo 4.1-5. São Paulo: Baraúna, 2014, p. 93.

⁴³ LOPES, Hernandes Dias Lopes. **Jesus Ressuscitou, Indiscutível!** Disponível em: <https://ippa.ipb.org.br/artigo/1490>. Acesso em: 12 de abril de 2026.

GONZAGA, Waldecir. **O Cânon Bíblico do Novo Testamento**. Rio de Janeiro: Letra Capital, 2025.

GONZAGA, Waldecir. O *Corpus paulinum* no Cânon do Novo Testamento. **Atualidade Teológica**. Rio de Janeiro, v. 21, n. 55, p. 19-41, Jan./abr. 2017. Disponível em: <chrome-extension://efaidnbmnnnibpcajpcgclefindmkaj/https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/29100/29100.PDF>. Acesso em: 24 de abril de 2025.

GORGULHO, Gilberto; STORNIOLO, Ivo; ANDERSON, Ana Flora (Coords.). **Bíblia de Jerusalém**. São Paulo: Paulus, 2002.

JEREMIAS, Joachim. **Teologia do Novo Testamento**. São Paulo: Hagnos, 2008.

LADD, George Eldon. **Teologia do Novo Testamento**. São Paulo: Hagnos, 2003.

LÍRIO Católico. https://www.liriocatolico.com.br/biblia_online/biblia_jerusalem/ii-macabeus/14/46/. Acesso em: 13 de abr. de 2026.

LOPES, Hernandes Dias Lopes. **Jesus Ressuscitou, Indiscutível!** Disponível em: <https://ippa.ipb.org.br/artigo/1490>. Acesso em: 12 de abril de 2026.

LÓPEZ BARRIO, Mario. “Il giusto vivrà mediante la fede”. **L'AT nella lettera ai Romani**. Roma: Gregorian & Biblical Press, 2017.

PERUZO, Dom José Antônio. **Paulo diante do cristianismo nascente**. Revista Atualidade Teológica do Dpto. de Teologia da PUC-Rio. Ano XIII nº 31, janeiro a abril/2009, p. 93-94. Disponível em: www.maxwell.vrac.puc-rio.br/18338/18338.PDFXXvmi. Acesso em: 13 de abril de 2026.

RIDDERBOS, Herman. **A Teologia de Apóstolo Paulo**. São Paulo: Cultura Cristã, 2013.

SCHNELLE, Udo. **Teologia do Novo Testamento**. Santo André: Academia Cristã; São Paulo: Paulus, 2017.

SCHREINER, Josef, Org. **O Antigo Testamento: um olhar atento para sua palavra e mensagem**. São Paulo: Hagnos, 2013.

SCHWEITZER, Albert. **O Misticismo de Paulo o Apóstolo**. São Paulo: Fonte Editorial, 2006.

SCOTT JR., J. Julius. **Origens Judaicas do Novo Testamento: um estudo do judaísmo intertestamentário**. São Paulo: Shedd, 2017.

TAMANCOLDI, Bruno. **O querigma nas cartas de Paulo**. São Paulo: Paulus, 2023. (Coleção Catequese e Bíblia).

WILLIAN, Mário. **O pastor e a pregação: uma perspectiva paulina em 2 Timóteo 4.1-5**. São Paulo: Baraúna, 2014.

ZANINI, Rogério. A ressurreição cristã: Relevância para a práxis cristã. **Cultura Teológica**, 31 (104), 2023, p. 99–121. <https://doi.org/10.23925/rct.i104.57521>.



A Revista Batista Pioneira está licenciada com
uma Licença Creative Commons
Atribuição - Não Comercial - Sem Derivações -
4.0 Internacional